

# Por quem os sinos dobram?

Leonardo A. Francischelli,<sup>1</sup> Porto Alegre

Resumo: O texto evoca a guerra civil espanhola para marcar a violência humana, presente na escravidão brasileira. O autor lembra Aime Césaire como um pioneiro na luta contra a escravidão e autores brasileiros como Mário de Andrade. Fala sobre Freud com uma referência ética e Wisnik com o conceito psicanalítico “O trauma originário da sujeição oligárquica”. Finaliza com a sabedoria de Viñar: “genocídio frio da pobreza ou no genocídio quente da guerra e a exclusão étnica ou religiosa”.

Palavras-chave: escravocrata, conceitos, trauma, pobreza e fazer clínico

*Livre! Ser livre da matéria escrava, arrancar os grilhões que  
nos flagelam e livre penetrar nos Dons que selam a alma e lhe  
emprestam toda a etérea lava.  
Livre da humana, da terrestre bava dos corações daninhos que  
regelam, quando os nossos sentidos se rebelam contra a Infâmia  
bifronte que deprava.  
(Cruz e Souza, Livre)*

O título deste texto, todos recordarão que não me pertence: ele nasceu da pena de Ernest Hemingway, que falava da guerra civil espanhola. Hoje, porém, para comentar questões raciais, poder-se-ia mudar a ideia inicial e questionar “Por quem o sangue corre?” – obviamente, falo do sangue do negro escravizado, que impregna nossa cultura de todos os costados que se olhe.

Hemingway relata um episódio, a guerra, só que travada entre pessoas que compartilham a mesma língua, o espanhol. Ele descreve a brutalidade

1 Membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) (membro fundador). Membro da Asociación Argentina de Psicoanálisis (AAPA).

avassaladora entre republicanos e conservadores, irmãos idiomáticos, sem descuidar da humanidade do homem, dos gestos humanos que emergiam das batalhas sanguinárias entre sujeitos nascidos no mesmo solo.

Será possível encontrar humanidade na escravidão da nossa república? Encontramos, sim, marcas de cultura e gestos humanos em toda a cultura do povo negro, do escravizado. Mas, no caso do escravocrata, não há nada que fale de sua humanidade, na medida em que coisificava o homem negro chegado do continente africano, tratando-o como força de trabalho barata – “a carne mais barata do mercado” –, transformando-o em mercadoria e marcando-o com ferro em brasa com as iniciais de seu proprietário.

Mesmo assim, herdamos desse povo escravo sua poesia, sua musicalidade, sua literatura, seus costumes, sua cozinha, nas vertentes de cada uma das etnias que para cá foram trazidas. Do escravocrata – quero dizer, do homem branco –, também herdamos algo. Como não? Aprendemos a explorar o outro sem medidas, até o ponto de chamá-lo de raça inferior. Nossa herança dos escravocratas é muito pesada: o que temos hoje, como produto de 400 anos de escravidão, é uma desigualdade desumana promovida pelo homem branco “superior”, desigualdade essa que ainda afeta muito o homem negro. Nosso passado escravocrata – estruturalmente racista, misógino e homofóbico, com um desígnio colonialista – está vigente em nossa vida diária.

Em um livro de 1950 intitulado *Discurso sobre o colonialismo*, Aimé Césaire (1978, p. 13) escreve assim: “Uma civilização que se revela incapaz de resolver os problemas que o seu funcionamento suscita é uma civilização decadente; uma civilização que prefere fechar os olhos aos seus problemas mais essenciais é uma civilização enferma”; como se não fosse suficiente, ele ainda acrescenta: “Uma civilização que trapaceia com seus princípios é uma civilização moribunda”.

Se ousamos nos deter nesses comentários de Césaire, é porque esse seu trabalho consiste em um marco inicial da luta contra o racismo e as desigualdades sociais, a qual continua até hoje. Vale ainda destacar que o prefácio da edição brasileira é de Mário de Andrade, que o escreveu em 1976. Mário de Andrade, o criador de Macunaíma, que, segundo alguns

críticos literários, é um personagem, ou melhor, um significante que remete a outro, sem ficar restrito a si mesmo. Mário, um dos personagens principais da Semana de Arte Moderna, centenária neste 2022, coloca a preguiça no colo de Macunaíma, preguiça que, para esse intérprete, é um atributo empregado pelo colonizador para desclassificar o colonizado. Então, não é de graça que Mário de Andrade coloca em circulação no Brasil Aimé Césaire, o precursor da luta antirracista desde sua terra natal, Martinica, no renascer da Segunda Guerra Mundial.

Essas colocações de Césaire não parecem muito distintas de uma posição freudiana. Vejamos um parecer de Freud datado de 1930: “Eu opino que, enquanto a virtude não seja compensada já sobre a terra, em vão se predicará a ética” (Freud, 1930[1929]/1976, p. 138, tradução nossa). É óbvio que esse preceito ético está muito distante de nossa realidade, sendo absolutamente congelado em nossos dias pela plena presença do racismo e pela extrema desigualdade em todos os segmentos de nossa vida societária.

Quem diz isso muito bem é Grada Kilomba (2019, p. 224), que afirma o seguinte em suas *Memórias da plantação* (aliás, excelente título): “O racismo cotidiano nos coloca de volta em cenas de um passado colonial – colonizando-nos novamente”. Portanto, os atos racistas cotidianos nos devolvem o passado colonialista, nos presentificam a filosofia do racismo – como afirma a belíssima construção dialética de Kilomba – pela aguda transparência da nossa cotidianidade racista estruturada.

Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa M. Starling apresentam a mesma ideia: “Fruto de nossa herança escravocrata, a trama da violência é comum a toda a sociedade, se espalhou pelo território nacional e foi assim naturalizada. Se a escravidão ficou no passado, sua história continua a se escrever no presente” (2015, p. 17).

Jessé Souza constrói uma bela metáfora em *Elite do atraso*: “A escravidão é nosso berço” (2019, n.p.) – e, diríamos, nesse berço fomos educados. Por sua vez, Cristiane Rangel e colegas afirmam: “A herança escravagista está enterrada em nosso psiquismo” (2018, n.p.). Uma herança sinistra que nos coloniza e dirige nossa fala, em que brota nosso racismo estrutural.

Esses nossos pensadores, colegas alguns, retomam as ideias do poeta Aimé Césaire e nos disponibilizam instrumentos teóricos para que nos descubramos racistas estruturados, pois o racismo está presente em nosso inconsciente. E é a partir dessa consciência que podemos somar esforços na batalha para evidenciar que todos são iguais.

Outro construtor de dispositivos nessa guerra antirracista é José Miguel Wisnik, que, num artigo publicado na revista *Piauí* – “O poeta e a pedra”, um fragmento de seu livro sobre Drummond –, nos presenteia com um conceito sumamente transparente para nos indicar o funcionamento da “casa grande” em terras tupiniquins: “o trauma originário da sujeição oligárquica” (2018, n. p.). “Trauma originário” é psicanalítico em todos os sentidos que se queira examinar, enquanto “sujeição oligárquica” tem extrema fundamentação sociológica. Juntas, as expressões adquirem uma musicalidade conceitual brilhante, remetendo a um modo de desenraizar o inconsciente de seus preconceitos pelo andar da carruagem civilizatória. Elas nos assinalam, como a estrela-guia do trabalho intelectual necessário para desfazer o malfeito, o estruturado como a “sujeição oligárquica”, marca registrada na alma do colonizado, procedente da casa grande em direção à senzala (extinta por lei, contudo presente na dinâmica social atual). “O colonialismo dê-civiliza simultaneamente o colonizador e o colonizado”, comenta Césaire (1978, p. 6). Essa é uma bela figura dialética, pois ambos sofrem efeitos recíprocos, entretanto o colonizador é ainda aquele que dá as cartas.

Obviamente, nós, psicanalistas, tomamos parte nessa história colonialista e padecemos, como todos os integrantes desse universo, do chamado “racismo estrutural”, pois nossa própria fala comum inclui palavras, oriundas do nosso inconsciente, que indicam claramente sermos portadores de preconceitos – no caso, vinculados ao racismo estrutural. A própria psicanálise tem muito a dizer sobre a questão do preconceito – e mais ainda a fazer. Contudo, produziu-se um verdadeiro *apartheid* tanto na teoria como na prática clínica.

A instituição analítica é, por si mesma, conservadora, em que não difere de outras organizações coletivas. Entretanto, ela apresenta em sua

história ações preconcebidas, por exemplo: não incluir homossexuais em seus quadros, mesmo que seja conhecida por toda a família analítica a afirmação categórica de Freud segundo a qual a homossexualidade não é uma doença, e sim uma orientação sexual (em linguagem atual).

A designação de algo natural como algo doente é comum e muitas vezes passa por todos despercebida, como o racismo que nos habita. Só no momento em que algo acontece, e tomamos ciência da nossa posição é que, via de regra, admitimos nossos preconceitos. Um belíssimo exemplo é o poder do branco quando consegue impor a noção de que o Brasil vive em uma plena democracia racial. Por quanto tempo “engolimos” tal ideia, absolutamente racista, sem prestar atenção ao fato de que essa aberração colonialista mergulhou nosso país em uma grosseira falsidade republicana?

Dá-se, portanto, em nossa subjetividade, a construção de uma falsa realidade que nos permite conviver com o outro sem observar as posições cotidianas de claro racismo, isto é, de um racismo sem tapumes e transparente a qualquer observador desatento – ou seja, perceptível, sem muito trabalho psíquico. Tudo isso deu origem ao conceito de “racismo estrutural”, um racismo que permeia capilarmente todos os segmentos sociais que queiramos observar.

E mais: essa realidade está aberta a uma articulação bastante sinistra, contudo passível de ser observada. Afinal, não foi de graça aquilo a que assistimos há pouco tempo: alguém que declarou publicamente ter como exemplo um militar comandante da tortura durante a ditadura foi escolhido para definir os destinos do país. Provavelmente, isso aconteceu devido ao nosso passado escravagista, que domina e marca a nossa história desde a pedra fundacional. Nesse contexto, o poder branco soube muito bem se instrumentalizar, pavimentar seus desígnios racistas, classificando os negros como uma subclasse, ou seja, desumanizando-os.

Portanto, a escolha de um mandatário que admira um torturador – e, conseqüentemente, um regime autoritário não reconhecido que detém o poder e não o distribui na comunidade (ao contrário do que ocorre em uma democracia) – testemunha a marca da escravidão no Brasil com todas as letras. Além disso, tal mandatário é misógino, pois se referiu a uma colega

de bancada escancarando seu machismo; mesmo assim, muitas mulheres ajudaram a levar esse homem à presidência do país.

Pois bem: entendemos que esses fenômenos políticos, sempre envolvendo centralmente o poder, não são acontecimentos deslocados da história. Pelo contrário: são eles testemunhas de um passado que forjou, com sabedoria, uma sociedade escravocrata que persiste até nossos tempos. Caberia retomar aqui “o trauma originário da sujeição oligárquica” presente na manutenção do sistema escravagista em nosso amado Brasil, apesar de a libertação formal dos escravos ter acontecido há mais de um século. Devido ao mecanismo que tratamos de expor anteriormente, o “trauma originário” diz respeito ao momento em que se decidiu que haveria escravos (como sempre houve na história do homem) com um tempero brasileiro e português e com o arbítrio do imperialismo inglês. Encontra-se a outra face da moeda na “sujeição oligárquica”, isto é, em uma classe dominante que não renuncia à oligarquia. Os valores oriundos dessa oligarquia, segundo as colegas citadas, impregnam o inconsciente da nossa gente.

Fanon (2020, p. 24) afirma o seguinte: “Utilizamos há pouco o termo narcisismo. De fato, acreditamos que apenas uma interpretação psicanalítica da questão negra pode revelar as anomalias afetivas responsáveis pelo edifício complexual. Trabalhamos para uma análise completa desse universo mórbido”. Só a “interpretação psicanalítica da questão negra”, nos diz Fanon (2020), poderá explorar o complexo afetivo que construiu nosso narcisismo estrutural. Nessa colocação, Fanon (2020) implica a psicanálise, ou melhor, os psicanalistas. Quer queiramos ou não, estamos intrinsecamente atados ao racismo, mas, ao mesmo tempo, como analistas, expertos em narcisismos, podemos alcançar as entranhas de nossas emoções racistas.

Atentemos, por fim, à expressão “edifício complexual”. A palavra “complexual” não consta em nossos dicionários, mas, segundo pude observar, vem do idioma romeno. Eu não saberia dizer por que o tradutor escolheu essa palavra, contudo pode nos ser útil desvendar os diferentes contextos que esse significante tenta expor, em especial se pensarmos,

como faz Fanon (2020), nas “anomalias afetivas” responsáveis pelo estigma racista construído a partir das razões narcísicas.

Em homenagem a um maestro latino-americano de origem uruguaia, divulgo um conceito cirúrgico relativo à temática que nos ocupa: quando se trata de processos de humanização normal ou traumática, “Esta última acontece no genocídio frio da pobreza extrema ou no genocídio quente da guerra e da exclusão étnica ou religiosa” (Viñar, 2018, p. 36). Efetivamente, a humanização do homem não nasce com a presença do racismo, que implica ausência de democracia. Por quem os sinos dobram? Pela morte da injustiça na terra.

### ¿Por quién doblan las campanas?

Resumen: El texto evoca la guerra civil española para marcar la violencia humana presente en la esclavitud brasileña. El autor recuerda a Aime Césarie como pionera en la lucha contra la esclavitud ya autores brasileños como Mário de Andrade. Habla de Freud con un referente ético y de Wisnik con el concepto psicoanalítico “El trauma originario del sometimiento oligárquico”. Termina con la sabiduría de Viñar: “el genocidio frío de la pobreza o el genocidio caliente de la guerra y la exclusión étnica o religiosa”.

Palabras clave: esclavitud, conceptos, trauma, pobreza y práctica clínica

### For whom the bells toll?

Abstract: The text evokes the Spanish civil war to mark the human violence present in Brazilian slavery. The author remembers Aime Césarie as a pioneer in the fight against slavery and Brazilian authors like Mário de Andrade. He talks about Freud with an ethical reference and Wisnik with the psychoanalytic concept “The original trauma of oligarchic subjection”. It ends with the wisdom of Viñar: “the cold genocide of poverty or the hot genocide of war and ethnic or religious exclusion”.

Keywords: slavery, concepts, trauma, poverty and clinical practice

## Referências

- Césaire, A. (1978). *Discurso sobre o colonialismo*. Livraria Sá da Costa.
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Ubu.
- Freud, S. (1976). El malestar en la cultura. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 21, pp. 57-140). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930 [1929])
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação*. Cobogó.
- Rangel, C. et al. (2018). Herança escravagista: uma síntese. *Observatório Psicanalítico*, 49. Recuperado em 5 maio 2022, de <https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/heranca-escravagista-uma-sintese/>
- Schwarcz, L. M. & Starling, H. M. (2015). *Brasil: uma biografia*. Companhia das Letras.
- Souza, J. (2019). *A elite do atraso*. Estação Brasil. <https://amzn.to/3FeXOj2>
- Viñar, M. (2018). *Experiencias psicoanalíticas en la actualidad*. Noveduc.
- Wisnik, J. M. (2018). O poeta e a pedra. *Piauí*, 142. Recuperado em 3 maio 2022, de <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-poeta-e-pedra/>

Leonardo A. Francischelli

leofrancischelli@yahoo.com.br